

(aprendendo)

## Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 40, dezembro 2018, Editorial]

### *Saúde no trabalho e em todos os lugares: direito humano*

No mês de dezembro celebra-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos. No Brasil, há razões mais para se lamentar do que para comemorar. As leis federais, estaduais, municipais, normas e jurisprudências parecem não ser suficientes para conter o ímpeto racista, machista, xenofobo, homofóbico e discriminatório de uma enorme parte da população brasileira que, por diversos motivos pessoais, não aceitam o outro que lhe desagradam. O “incômodo” de tantos contra os que lhe desagradam é tanto que chega ao ponto do desejo de exterminá-los. O desejo de eliminação é mais evidente sobre alguns grupos, como é o caso de mulheres subjugadas e violentadas, homoafetivos e transgêneros, índios encurralados, moradores de rua, crianças cooptadas pela ilegalidade, seguidores religiosos de matrizes afro, trabalhadores sem-terra e a lista de alvos do desejo de extermínio é grande. Um país que desrespeita as próprias leis de garantia de direitos humanos perdeu o senso de humanidade e, portanto, está doente, muito doente. E um país doente se não buscar a sua cura está condenado à morte pela ausência de um contrato social baseado na humanidade. Um país que se transforme num bando de bárbaros está fadado a viver uma guerra de todos contra todos, para lembrar das palavras de Thomas Hobbes, há muito tempo, há mais de 350 anos. Outros grupos também sofrem discriminação, embora não se tenha, ainda, sinais da sociedade de que precisam ser exterminados. Por ora basta que padeçam de suas características que “incomodam” na solidão de seus sofrimentos. São eles os idosos, pessoas com deficiência, negros em geral, os novos migrantes, refugiados venezuelanos, médicos cubanos, os desempregados, os refugiados ambientais, os sem-teto, sem-saúde, sem-escola e tantos mais, que a lista é grande.

É inacreditável que convivamos com pessoas, em todos os lugares, nas famílias, no trabalho, nas ruas, ao nosso lado, e até nos botequins, que reproduzem o discurso conservador de que o outro que lhe incomoda deve ser eliminado. Eliminado, sim, senão fisicamente, pelo discurso, pela atitude, pelo olhar de nojo ou de cima a baixo. Se eleger um presidente da República com esse discurso “eliminador” não é suficiente para ligar o alerta dos direitos humanos, é porque a doença já nos atingiu mortalmente. Um humilde conselho: aos que se curvam, deitem-se, e esperem a hora de serem enterrados, porque estão irremediavelmente adoecidos, e aos que não se curvam, levantem-se para correr atrás da cura. Se o câncer e tantas outras doenças não têm cura, mesmo que essa doença nefasta de “desrespeitar os direitos humanos” também ainda não tenha cura, isso não impede que busquemos a sua cura. Só é preciso saber que esse tipo de cura não está na medicina. Ela está na luta política, no cotidiano do trabalho, na reavaliação de nossas atitudes cotidianas, na forma de se dirigir, no dar bom-dia, na diferenciação entre atividade profissional e profissão com atitude. No sindicato é ir além, muito além, de defender apenas seus legítimos direitos. O direito dos outros é tão legítimo quanto os nossos, enquanto trabalhadores organizados. No serviço público, qualquer que seja, é hora de se envergonhar se não fazem o que lhes é exigido fazer: defender o público, a população brasileira, quem quer que seja. O cansaço da vergonha que temos de ver o Brasil se desmilinguir em matéria de direitos humanos deve ser desdobrado em dois: o cansaço e a vergonha. Para o cansaço a solução é se revigorar na luta. Para a vergonha a solução é colocá-la em nossa cara, no espelho e, claro, se redimir na luta. Defender os direitos humanos é uma questão de superar o cansaço, lavar a vergonha da cara e se posicionar para uma jornada de luta, política, sindical, institucional, acadêmica e pessoal. Defender os direitos humanos é, enfim, defender a causa humana. Cada vez que alguém, seja quem for esse alguém, tem seu direito desrespeitado de ser visto e tratado como gente, como ser humano, morre um pedaço da humanidade em nós. A melhor aplicação da expressão atual do ‘*Tamojunto*, é o traço da humanidade que nos une a todos.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.